

# MEMORIAL DOS ANCESTRAIS: UM ESPAÇO DE MEMÓRIA

## ANCESTORS MEMORIAL: A MEMORY PLACE

Márcia Evangelista dos Santos 1  
Martha Rosa Figueira Queiroz 2

1 Graduação em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8390275205705784>. E-mail: [marciaevangelista12@gmail.com](mailto:marciaevangelista12@gmail.com)

2 Doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora Adjunta do Colegiado de História da Universidade Federal do Recôncavo d Bahia (UFRB/Campus Cachoeira). Professora do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas/UFRB. Líder do ARÒYÉ, grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação para as Relações Étnico-raciais, Educação Patrimonial e Ensino de História. Coordenadora do site NEGRITOS.com.br e do Coletivo de Mulheres Percussionistas Yakurinxirê (UFRB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8838129095122068>. E-mail: [mrosaqueiroz@gmail.com](mailto:mrosaqueiroz@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é registrar o desenvolvimento de um trabalho de intervenção pedagógica realizado no Memorial dos Ancestrais, instaurado no Terreiro do Caboclo Guarani de Oxóssi na cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano, buscando compreender o processo de constituição desse espaço de memória, fundado por Mãe Madalena. A pesquisa, tipo intervenção pedagógica (Damiani), se utilizou das técnicas de entrevista, análise documental e bibliográfica. No campo teórico, destacamos o suporte advindo das leituras sobre memória (Pollack); lugar de memória (Nora); patrimônio cultural afro-brasileiro (Lima, Serra, Abreu, Sant'Ana); Candomblé e resistência (Santos, Queiroz); Memorial (Vieira, Barcellos, Jesus e Santos Junior); Ancestralidade (Oliveira). Como fruto de uma provocação germinada em um programa de extensão, as conexões entre História, Museologia e Educação Patrimonial guiaram todo o desenvolvimento do trabalho, que implicou em ações de levantamento do acervo e respectiva higienização e reorganização do mesmo. Como resultados, ressaltamos a importância de pensar o candomblé como religião, cultura, resistência e patrimônio, com potencial para um ensino de história crítico; a utilização da educação patrimonial na implementação da lei 10.639/2003 e o Memorial como estimulador de debates acerca da intolerância religiosa que recai sob as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras. Mais ainda, conceber o Memorial dos Ancestrais como uma expressão do cuidado da comunidade negra, tão bem representada pela Mãe Madalena, com o registro, guarda e dinamização das memórias negras do Recôncavo.

**Palavras-chave:** Memorial dos Ancestrais. Lugar de Memória. Candomblé. Cachoeira.

**Abstract:** This article's purpose is to record the development of a pedagogical intervention work carried out at the Ancestors Memorial, established in the Terreiro do Caboclo Guarani de Oxóssi in the city of Cachoeira in the Recôncavo Baiano, seeking to understand the constitution process of this remembrance space, founded by Mãe Madalena. The research, educational intervention type (Damiani), used interview techniques, documental and bibliographic analysis. In the theoretical area, we highlight the support provided by readings on memory (Pollack); memory place (Nora); Afro-Brazilian cultural heritage (Lima, Serra, Abreu, Sant'Ana); Candomblé and resistance (Santos, Queiroz); Memorial (Vieira, Barcellos, Jesus and Santos Junior); Ancestry (Olive). As a result of an instigation developed in an extension program, the connections between History, Museology and Heritage Education guided the entire work development, which involved actions to examine the collection and its respective sanitation and reorganization. As a result, we emphasize the importance of thinking about Candomblé as a religion, culture, resistance and heritage, with the potential for teaching critical history; the use of heritage education in the implementation of law 10.639/2003 and the Memorial as a debate stimulator about religious intolerance that burdens religions of African and Afro-Brazilian origins. Even more, conceiving the Ancestors Memorial as an expression of care for the black community, well represented by Mãe Madalena, with record, guard and dynamization of black memories of the Recôncavo.

**Keywords:** Ancestors Memorial. Memory Place. Candomblé. Cachoeira

## Introdução

Este artigo é resultado da pesquisa realizada na conclusão do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e desenvolvida no Memorial dos Ancestrais, parte do Terreiro Guarani de Oxóssi, situado no bairro do Alto do Rosarinho, na cidade de Cachoeira –Recôncavo da Bahia. Idealizado e concebido entre 2007 e 2009, o Memorial dos Ancestrais foi uma iniciativa de Mãe Madalena, importante liderança religiosa e comunitária, falecida em 2012, que, preocupada com o possível desaparecimento das histórias do candomblé da região, principalmente com a morte de Yalorixás e Babalorixás, decidiu criar um memorial com o objetivo de registrar e preservar essas histórias.

Assim, duas perspectivas podem ser identificadas nesta iniciativa: garantir que tais histórias cheguem às futuras gerações e a compreensão de que as pessoas negras, de maneira individual e coletivamente, são as criadoras dos seus espaços de memória. Conforme Molina (2011), os Terreiros são os lugares que mais se conservaram elementos culturais na diáspora, sendo, portanto, espaço religioso e de resistência, mas também espaço de memória, como diz Zambuzzi (2010).

A intenção de realizar o trabalho em um terreiro de candomblé nasceu da participação no Programa de Extensão Ensino de História e Educação Patrimonial, coordenado pela professora Martha Rosa Figueira Queiroz, e desenvolvido em escolas do Ensino Fundamental nas cidades de São Felix e Cachoeira, onde realizamos ações educativas que articulavam educação patrimonial, educação para as relações étnico-raciais e ensino de História (QUEIROZ, 2016). Ao se efetivar na interface ensino de História e educação patrimonial, utilizamos o patrimônio como fonte para a aprendizagem histórica e social, proposta bastante adequada para uma cidade como Cachoeira, com diversos bens culturais tombados e registrados, além de uma história cultural com fortes referências africanas e afro-brasileiras.

A metodologia utilizada no Projeto de Extensão articula a metodologia de educação patrimonial apresentada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com a realização de oficinas sobre práticas culturais e linguagens artísticas, abordando a educação para as relações étnico-raciais. Para a visita ao terreiro, a metodologia envolveu identificação de posturas preconceituosas e discriminatórias no universo escolar para com o candomblé, discussão do tema em sala de aula, visita ao terreiro e avaliação após a visita.

Para a dupla de monitoras que atuaram no Colégio Aurelino Mário (Márcia Evangelista e Tatiane Dias), o primeiro contato com o candomblé articulado à educação patrimonial aconteceu nas atividades desenvolvidas em relação à aula de campo no Terreiro Ilê Kaió Alaketu Ashé Oxum (Terreiro de Mãe Preta), que teve como intuito tomar os terreiros como bens culturais para, junto com estudantes da Educação Básica, conhecermos uma importante parte da história da cidade de Cachoeira.

O primeiro desafio da atividade foi superar o medo amplamente disseminado sobre o candomblé pelo racismo e pela intolerância religiosa, que ligam a esse universo todo tipo de negatividade. É importante informar que a maioria dos participantes da visita, os estudantes, a professora da educação básica e as monitoras praticamente nunca tinham entrado em um terreiro de candomblé antes, e as representações racistas nos atingiam em cheio. O imaginário depreciativo sobre o terreiro (QUEIROZ, 1999; SANTOS, 2009) foi percebido durante o diálogo anterior à visita e no percurso realizado no interior da casa de candomblé, fazendo com que, no início da atividade, conseguir sentar nas cadeiras do salão da casa significasse um momento de grande superação.

A visita foi conduzida pela Ekèdi Kátia e um filho de santo da casa. Durante a estadia no espaço, a Ekèdi falou da religião, mas seu intuito maior era ouvir os/as estudantes, na tentativa desmitificar o conhecimento trazido, apresentando-lhes outra narrativa. Várias perguntas surgiram a respeito do funcionamento da religião, e entre os temas estavam: as oferendas nas esquinas, muito comuns nas ruas de Cachoeira; o uso de roupas brancas; as cobranças dos Orixás quando os adeptos se afastam; e o uso do candomblé para o mal.

Portanto, foi a partir dessa atividade extensionista que surgiu o interesse em realizar uma pesquisa sobre o candomblé e a educação, ou seja, queríamos entender como o candomblé poderia ser um espaço de educação patrimonial, contribuindo para a construção da

identidade dos estudantes, principalmente negros, pensando que a história de Cachoeira está intimamente ligada à história dos terreiros de candomblé (SANTOS, 2009).

Mas, foi ao conhecer o Memorial dos Ancestrais, que percebemos como esse espaço poderia contar a história da ancestralidade de Cachoeira, contribuindo diretamente para a educação patrimonial. E, para que isso fosse possível, era necessário primeiramente conhecer a história e o propósito do espaço, e depois propor a realização de uma intervenção pedagógica, no sentido de contribuir para a organização e a preservação de seu acervo.

A escolha metodológica está ligada à gênese da pesquisa na dimensão da extensão, quando alargamos muito nossos conhecimentos para além da sala de aula, com o ensino de História. Essa nossa experiência encontra reflexos em outros espaços, conforme revela uma pesquisa realizada com estudantes de graduação de todo o país sobre seus processos de aprendizagem nas ações extensionistas. Os pesquisadores organizaram os relatos dos estudantes nas categorias: “aprendizagem para a formação profissional; aprendizagem para a convivência coletiva e inclusão social/compromisso social e aprendizagem para aquisição e/ou mudança de valores e construção cidadã” (COSTA; BAIOTTO; GARCÊS, 2013, p. 62).

Esses aprendizados colocaram a articulação entre teoria e prática, a *práxis*, como imperativo no caminho do fazer, acentuando o desejo de que a pesquisa pudesse contribuir para que outros estudantes conhecessem o Memorial, seu potencial educativo e tudo o que ele representa. Foi nessa perspectiva que a opção pela intervenção pedagógica se afirmou como opção metodológica, juntamente com técnicas de pesquisa da História Oral e bibliográfica.

Com o propósito de entender como o Memorial dos Ancestrais foi construído, as fontes utilizadas foram toda a documentação primária e secundária que compõe o seu acervo: depoimentos coletados em entrevistas realizadas com membros que participaram da sua construção; análises bibliográficas que ajudaram na compreensão das temáticas que envolvem a pesquisa; e a intervenção no Memorial.

## Memorial, lugar de Memória

Foram realizadas leituras sobre a presença negra no Brasil e o racismo, durante a construção da pesquisa, quando discutimos o processo de embranquecimento que marca a sociedade brasileira, desaguando na intolerância que atinge de forma feroz às religiões afro-brasileiras. As políticas afirmativas foram analisadas com o objetivo de situar as ações de Mãe Madalena, o Terreiro Guarani de Oxóssi e o Memorial dos Ancestrais no bojo das ações mais recentes em torno do protagonismo social das casas de candomblé e dos avanços legislativos com a adoção da Lei nº 10.639/2003, a criação da Secretaria Especial da Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e a adoção de reserva de cotas nas áreas da educação (DOMINGUES, 2005; SILVA *et al.*, 2009; LIMA, 2012).

O Trabalho focou nos debates teóricos em torno do patrimônio cultural afro-brasileiro, mais especificamente os terreiros e suas estratégias para preservação de suas memórias. Nesse sentido, os trabalhos de Abreu (2009), Sant’Anna (2009), Lima (2012) e Serra (2005) destacaram o papel cultural como um mecanismo importante para entender a elaboração da identidade nacional.

Segundo Alessandra Lima (2012), o patrimônio está ligado à formação da identidade brasileira, na escolha de objetos que representam sua nacionalidade e história. A autora trata sobre quais patrimônios representariam a identidade nacional, como foi realizada essa seleção e como os negros foram incluídos na construção nacional. Ainda, aponta que as ideologias de branqueamento contribuíram para essas escolhas, logo, as marcas da contribuição dos povos vindos do continente africano teriam que ser apagadas, incluindo-se a seleção dos patrimônios a serem tombados ou reconhecidos.

As lutas por direito à memória dos grupos culturais historicamente excluídos encontraram ecos nas convenções internacionais, resultando em um conceito de cultura mais alargado. A superação da hegemonia do conceito de bens culturais herdado da Revolução Francesa, que negligenciava os patrimônios considerados imateriais, foi um importante passo. Conforme o antropólogo Ordep Serra (2005), no Brasil, especialmente em Salvador, os monumentos das

elites recebem atenção, enquanto os patrimônios negros são considerados folclore.

Neste aspecto, Serra (2005) identifica três grandes etapas de relacionamento do Estado com os terreiros de candomblé. Na primeira fase, o candomblé era visto como “caso de polícia” e os registros de repressão são muitos. Na outra fase, iniciada na década de 1930, essas casas religiosas foram concebidas “enquanto atrativo folclórico, na onda de uma valorização nacionalista de elementos de cultura popular”. Com essa concepção, são os órgãos públicos do turismo que se ocupam dos terreiros, incluindo-os no rol de atrações. Portanto, o patrimônio cultural afro-brasileiro não é objeto de ação do órgão de preservação do patrimônio nacional, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, e sim do turismo. A partir da década de 1970, inicia-se uma nova fase, no qual se buscava novas formas de pensar o patrimônio. Em capítulo que trata da criação da Secretaria de Cultura, em 1981, e do papel do designer gráfico Aloísio Magalhães, Isaura Botelho identifica que “a nova política cultural pretendia identificar os múltiplos referenciais culturais brasileiros e redescobrir sua heterogeneidade.” (Botelho, 2000:98). Não é a toa que o primeiro terreiro de candomblé a ser tombado no Brasil foi o *Ilê Axé Iyá Nassô Oká* (Terreiro da Casa Branca) no ano 1986, 49 anos após a criação de um órgão federal para preservação do patrimônio nacional, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937.

Outro elemento a se considerar é que, em função de toda a estrutura racista que recai sobre a população negra, nossos patrimônios culturais estão mais no campo da imaterialidade. Nesse sentido, a aprovação do decreto nº 3.551/2000, que instituiu o registro de bens imateriais, possibilitando que os povos negros e indígenas tivessem seus patrimônios reconhecidos e alguns salvaguardados, é um grande avanço no plano legal.

Existem muitas formas de silenciar e muitas formas de falar. E nesse diapasão se insere nosso intuito de conhecer e contribuir com a história do Memorial dos Ancestrais do Terreiro Guarani de Oxóssi, em Cachoeira, mostrando como se deu a caminhada do povo negro para escrever a sua história a partir de suas vivências. Como afirma Elisa L. Nascimento (2003, p. 23): “Complemento do silêncio, outra forma e sintoma do racismo está no processo de tornar invisível a presença do afrodescendente na qualidade de ator, criador e transformador da história e da cultura nacional”.

Os terreiros são lugares de memórias em diferentes linguagens e formatos. As religiões afro-brasileiras, por distintas estratégias, reviveram, criaram, recriaram, experimentaram, guardaram e dinamizaram muito do acervo cultural que os africanos e seus descendentes produziram em solo brasileiro. Ao organizar um espaço específico no seu Terreiro para a preservação das memórias dos ancestrais do candomblé do Recôncavo, Mãe Madalena nos apresentou alguns guardiões da memória, concebendo-os como expressões da memória coletiva, aquela que “retém o passado, somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 1990, p. 56). Gomes destaca que essa memória comum é pilar da formação e transformação grupal e nomeia seus guardiões:

O guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda/possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória. Os “objetos de memória” são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo. Sejam documentos, fotos, filmes, móveis, pertences pessoais etc., tudo tem em comum o fato de dar sentido pleno, de “fazer viver” em termos profundos o próprio grupo. Tais objetos podem ser, assim, um bom exemplo do que Pierre Nora consagrou, em sua metodologia, com a designação de “lugares da memória”. (GOMES, 1996, p.7).

No que diz respeito à conceituação de memorial, o debate é vasto. Vieira (2013) defende que memorial está conectado à cultura material. Para Barcellos (1999, p. 7), “memorial significa um pequeno livrinho de lembranças, uma petição escrita” e indica dois tipos de memoriais: o primeiro relacionado à visão eurocêntrica e hegemônica de museu; e o segundo compreendido como centro cultural, ou seja, um espaço que se presta a incentivar diversas linguagens artísticas.

Sem uma identidade definida, os memoriais flutuam ao gosto dos seus criadores e/ou administradores. Mas, a partir das observações de Barcellos (1999), podemos compreender o lugar do Memorial dos Ancestrais nessa discussão, na medida em que sua idealizadora estabeleceu os objetivos e as delimitações do acervo: só podem ser expostas imagens de pessoas mortas, com a função de guardar e registrar a memória da ancestralidade de Cachoeira e região.

Jesus e Santos Júnior (2014) descrevem sobre quais elementos são construídos os memoriais nos terreiros de candomblé, entre eles, exposições criadas no próprio Terreiro com objetos das Yalorixás, Babalorixás, Mametus e Tatas, organizados e selecionados pelos membros da casa, apontando quais e como tais memórias vão ser apresentadas, promovendo narrativas para os membros do grupo e da coletividade, a partir de um personagem único que se quer homenagear, tendo três funções básicas: educativa, científica e social. No entanto, o Memorial dos Ancestrais não acompanha essa lógica, já que não faz referência a uma única personagem, mas sim a uma linhagem ancestral de uma região, o Recôncavo da Bahia.

Com o avanço das políticas afirmativas, ampliaram-se as possibilidades de a população negra fazer os registros de suas memórias, e um dos mecanismos utilizados foi a construção de memoriais. Como afirma Dantas (2014, p. 7), “[...] um museu/memorial pode ser visualizado como um ‘guardião’ e um fabricante da memória ou de determinadas memórias”, e Pollak (1992, p. 4) diz que “a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado”. Por esse motivo, o memorial seria o vestígio da memória.

Sobre os lugares de memória, Pierre Nora (1993, p. 7) afirma que as memórias não são naturais, mas constituídas, no sentido de “manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas”, por exemplo, que estariam sendo ameaçados. Para o autor, trata-se de criar essa memória que desapareceu, essa memória é reconstruída com o intuito de se consolidar para a geração em curso e para as futuras gerações.

Pollak (1992, p. 5, grifo do autor) afirma que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”, portanto, o lugar de memória constrói o sentimento de identidade. Assim, o Memorial dos Ancestrais do Terreiro Guarani de Oxóssi é importante na construção das identidades das pessoas que fazem parte do Terreiro, contribuindo nos processos de fortalecimento identitários e reforçando a autoestima de pessoas e coletivos negros.

## Mãe Madalena e o Memorial

Filha de Jorgina Araújo e Osvaldo Ferreira, Maria Helena Araújo Vale nasceu no dia 21 de maio de 1960, em Cachoeira, e faleceu no dia 4 de agosto de 2012. Residiu durante a infância no bairro Cruzeiro, acompanhada dos pais e mais três irmãos. Casou-se três vezes, e teve quatro filhos. Era apelidada por Madalena, por isso ficou conhecida no candomblé como Mãe Madalena. Aproximadamente em 1980, aos vinte anos de idade, trabalhou no Arquivo Municipal de Cachoeira, o que pode ter contribuído para construção do Memorial.

A documentação e os relatos colhidos nas entrevistas realizadas para a pesquisa revelam divergências quanto ao ano de fundação do Terreiro (1989 e 1996), o que pode resultar de diferenças entre o início das atividades propriamente ditas e a data de formalização legal, ou mesmo a alteração da data pode ter ocorrido no momento da retirada do alvará, para evitar custos financeiros.

Antes da criação do Memorial, o Terreiro criou em 2007 a Associação de Preservação do Terreiro do Caboclo Guarani de Oxóssi, uma instituição civil e sem fins lucrativos, de caráter religioso, educativo, beneficente, esportivo e cultural. E na ata de fundação já constava a intenção de criar um memorial, com o intuito de difundir ainda mais os trabalhos sociais que

o terreiro desenvolvia.

A Mametu Madalena priorizou muito a interação entre o Terreiro e a comunidade, nesse sentido, realizava diversas ações com o objetivo de contribuir com a coletividade, tais como: o Sopão de Oxóssi, realizado toda última quinta do mês, e as entregas de agasalhos e cestas básicas nas comunidades carentes. Além de liderança religiosa, Mãe Madalena era uma líder comunitária e política. Atuou como organizadora da Festa de Yemanjá de Cachoeira, foi vice-presidente da Associação de Moradores do Alto do Rosarinho, organizava a Novena de Santo Antônio e protagonizou muitas reivindicações pela melhoria de vida no bairro.

Conforme Rosangela Cordaro, a idealização do Memorial foi fruto de uma conversa informal, ocorrida no Guarujá/São Paulo, entre Mãe Madalena, Márcia Lopes, mãe pequena do terreiro, e ela. Esse encontro agregou pessoas, sonhos e saberes formativos e profissionais fundamentais para a instauração do Memorial, pois Márcia Lopes na época era estudante de museologia, Rosangela Cordaro é pesquisadora de manifestações culturais do Recôncavo e Mãe Madalena trabalhou por um tempo no Arquivo da Cidade. Como na época da constituição do Memorial, Márcia Lopes estava realizando formação museológica, além de acompanhar o grupo na pesquisa de campo, a mesma ficou responsável por analisar e selecionar, considerando a relevância histórica, os objetos que comporiam a exposição permanente do Memorial. Conforme Márcia Lopes, em função da urgência de Mãe Madalena em inaugurar o Memorial dos Ancestrais, não foi feita a catalogação do acervo. Foi, portanto, essa equipe responsável pelas primeiras ações no que se refere à concepção do Projeto do Memorial, identificação e registro fotográfico e audiovisual do acervo que constitui o referido espaço de memória e seu respectivo funcionamento. Ainda conforme Cordaro, o trio contou com a ajuda de Robson do Sacramento dos Santos (conhecido como Binho, professor de Literatura da rede municipal de ensino de Cachoeira) em todo o processo de trabalho.

Alguns anos após a inauguração do Memorial, outros sujeitos realizaram atividades no Memorial colaborando com a dinamização do espaço, a exemplo de Valmir Pereira (Produtor cultural, abian da casa); Davi Rodrigues (artista plástico, guia de turismo), responsáveis respectivas pela visita de estudantes e exposição de artes; e Fred Santiago (estudante de História do CAHL/UFRB), responsável pelas mostras de filmes, o Cine Guarani.

O acervo é resultado de doações, muitas vezes não identificadas, aquisições feitas por Mãe Madalena, entre elas, livros e revistas, além de objetos produzidos no Terreiro, como fotografias, documentos pessoais e da casa, cartas, vídeos, documentários, artesanatos, convites, atas, cadernos de cantos e relatos das vivências com os Orixás ou Nkicis. Há também peças de barro feitas por Tomba (Florisvaldo R. dos Santos), artista local.

O Memorial é dividido em acervo público e privado. O primeiro é composto por fotografias e pinturas de Babalorixás e Yalorixás falecidos, de terreiros da região, além de um pequeno acervo de livros sobre o candomblé e a cultura negra em geral. O segundo, é formado por objetos relacionados ao Terreiro Guarani de Oxóssi e à vida pessoal de Mãe Madalena. Isso demonstra que a preocupação da Mametu não era contar a sua história, e sim recuperar a história dos seus ancestrais, compartilhando do conceito de ancestralidade de Eduardo Oliveira (2009), para quem a ancestralidade está longe de ser um parentesco consanguíneo. Dessa forma, quando indagamos à atual líder religiosa do terreiro, Makota Mama, sobre alguns documentos e fotografias que localizamos em caixas-arquivo, ela foi assertiva, “no memorial só pode entrar fotografias de pessoas mortas, e o terreiro em si já é um museu, não precisaria ocupar o espaço da ancestralidade”.

Para que o projeto do Memorial fosse concretizado, de início foi necessária uma pesquisa de campo e um levantamento dos terreiros mais antigos da região, seguido de coleta de dados, através de registros audiovisuais e fotográficos. Sobre os terreiros que restavam apenas as ruínas, foi necessário um esforço maior de pesquisa com fundadores dos terreiros e familiares, com o objetivo de relatar a história, construindo um acervo diverso. No entanto, não tivemos acesso às gravações que foram realizadas por Rosangela Cordaro, e entregues a Mametu Madalena.

O Memorial dos Ancestrais foi inaugurado, segundo o blogue Mundo Afro, no dia 14 de agosto 2009, durante os festejos da Irmandade da Boa Morte, instituição de mulheres de

grande significado para a resistência negra em Cachoeira. Existem diferentes versões a respeito de como se deu a inauguração, mas todas registram o momento como uma rica festa, com convidados de instituições públicas, como o Instituto do patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL/UFRB), além de personalidades locais.

Segundo Valmir Pereira, Mãe Madalena tinha como proposta atrair estudantes das redes pública e particular de ensino, além dos visitantes que iriam ao Terreiro. As visitas de estudantes eram realizadas em parceria com Davi Rodrigues e Valmir Pereira, quando os estudantes tinham a oportunidade de aprender sobre a importância do candomblé para as lutas e resistências afro-brasileiras, o que demonstra a compreensão dos terreiros como espaços educativos.

### Reorganização do acervo

A ideia da intervenção teve o intuito de dar um retorno à comunidade, indo além da escrita de um trabalho final de curso que, por vezes, fica apenas nas bibliotecas. Além disso, atuar diretamente no Memorial foi um anseio do Terreiro Guarani de Oxóssi. Nosso desejo era, para além do trabalho desenvolvido, disponibilizar tudo em formato digital, por meio de um blogue, tarefa que ficará para outras etapas dos estudos. É importante mencionar que a intervenção pedagógica foi efetivamente realizada no interior do acervo privado, que estava necessitando de cuidados imediatas, daí realizamos ações de conservação preventiva e catalogação do acervo. Para tal fim, foi necessário efetuar separação, contagem, higienização, reorganização do acervo, além da mudança das caixas-arquivo de papelão para as de plástico. Cabe destacar que realizamos um retrabalho, por isso intitulamos reorganização. Pois, conforme a museóloga Márcia Lopes, antes da morte de mãe Madalena, foi realizado por ela e pela professora Noelia um novo trabalho de organização do acervo.

A primeira estratégia foi divulgar a demanda em um grupo de Museologia do CAHL, em uma rede social (*Facebook*), para reunir interessados em desenvolver a atividade. De início, não tivemos muitas repostas, era um período de férias. Como os interesses não surgiram, a busca foi ampliada para outros grupos e o resultado foi a adesão de duas estudantes do curso de Museologia, que foram indispensáveis para a construção e o desenvolvimento da intervenção.

Sobre as intervenções pedagógicas, Damiani *etal.* (2013, p. 1) afirmam que elas “têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos”. No caso do Memorial, durante o desenvolvimento da pesquisa foi identificado um problema de reorganização, preservação e conservação dos documentos a ser resolvido. Assim, foi necessária uma equipe de trabalho multidisciplinar, uma vez que nossa formação em História não daria conta de todo o trabalho.

O trabalho foi desenvolvido em conjunto e nossa primeira ação foi uma reunião com a Makota Mama, responsável pelo terreiro, para falarmos sobre a importância da conservação do Memorial, as possíveis contribuições da atividade de intervenção e agendar uma data na qual o terreiro pudesse nos receber. Em seguida, realizamos uma visita para construir um planejamento diante do número de pessoas e o tempo disponíveis para analisar o estado da documentação. Essa etapa foi realizada por Angélica Rodrigues, Antônia Fernanda e Jusenira dos Santos, pessoas que se mantiveram firmes durante o trabalho e foram fundamentais para a execução das atividades.

No contato inicial como o Memorial, foram estabelecidas estratégias para o desenvolvimento das atividades, respeitando as escolhas do Terreiro e o tempo disponível no momento. Primeiro, foi necessária uma avaliação do acervo para elaborar o plano de preservação e, em seguida, determinar os materiais que seriam utilizados na intervenção. Como o trabalho não contava com financiamento, foi necessário construir uma rede de solidariedade para ajudar na obtenção dos recursos para sua realização.

Depois de analisar o acervo privado, chegamos à conclusão que a higienização e arumação seriam o melhor a fazer dentro das condições estabelecidas, contribuindo para a organização e preservação do Memorial. No entanto, como havia pouco tempo disponível, o

trabalho foi dividido em etapas: separação por categorias, higienização, condicionamento, organização dos documentos, fotografias, DVDs e livros em novas pastas-arquivo, devidamente identificadas e organizadas nas estantes.

Encontramos caixas-arquivo (embora não identificadas) com documentos específicos: fotografias; contas pagas; videocassetes e convites. Ao trabalhar no acervo, buscamos respeitar a organização e separação anterior, dando continuidade ao trabalho já desenvolvido pela casa. Parte do resultado da nossa intervenção consta na tabela a seguir (Tabela 1):

**Tabela 1.** Conteúdo geral do acervo

Caixa ou Pasta	Nome	Detalhes	Quant.
1 e 2	Contas	Energia, água e telefone (661); Documentos bancários (332); Documentos fiscais (342).	1335
3	Documentos pessoais de Mãe Madalena	Procedimentos médicos; Documentos pessoais Nelson Gomes (marido de Mãe Madalena); Processos judiciais; Guia de Sepultamento; Contracheques; Documentos previdenciários; Jogos; Recibos de pagamento à Prefeitura; Documentos de Manoelito Conceição (terceiro marido de Mãe Madalena).	505
4	Serviço da casa	Fotografias, fotografias 3x4; Documentos, Cadastro de Pessoa Física, Registro Geral, Carteira de Trabalho; Processos judiciais; Lista de nomes.	553
5	Associação Yemanjá Ogunté	Recibos; Documentos bancários; Notas fiscais; Atas.	48
6 e 7	Orações	Cantigas para os Orixás; Preces para Santos católicos; Folhas secas.	136
8	Diversos	Atas de criação de associações; Alvarás de funcionamento; Certidões; Orações; Cartas; Fotos.	34
9	Objetos pessoais de Makota Mama	Revistas; Pesquisas.	26
10 a 17	Jornais e matérias de jornais	Diversos.	55
18	Capas vazias	Músicas; Cantigas para os Orixás; Documentários; Samba de Cachoeira.	47
19	Fotografias danificadas	Mãe Madalena; Procedimentos da casa; Pessoas físicas.	117
20 a 28	Fotografias	Procedimentos da casa; Pessoas físicas; Fotos pessoais de Mãe Madalena; Fotos de Mãe Madalena.	3779
29 e 30	Documentários	Orixás; Cantigas; Yalorixás; Pierre Verger.	51



31 e 32	DVDs sobre casa	Festividades; Fotos.	47
33	DVDs pessoais	Musicais.	92
34	Imagens	Orixás; Caboclos; Preto Velho.	16
35 e 36	Convites	Festejos da casa; Festejos de casas de candomblé da região; Aniversários, Chás de fraldas; Formaturas; Eventos.	1027
37	Participação político-social	Estatutos; Fichas de cadastro para doação de alimentos; Ficha de nome da Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro; Abaixo-assinados; Pesquisas; Editais; Fichas; Recibos; Lista de alimentos.	253
38 a43	Documentários em vídeo casete	Documentários sobre as festas do Terreiro, entre 1996 e 2001.	69
44	Agendas	Orações; Números telefônicos; Cantigas; Lista de nomes; Bíblia.	7
45	Fotos 3x4 e Contatos	Fotos 3x4; E-mails; Telefones.	43
46	Folders	Festa de Yemanjá; Turismo; Eventos.	109
47	Documentos desconhecidos	Diversos.	32
48	Livros de ata	Novena de Santo Antônio.	2
49 e 50	Cartas	Cartas.	59

**Fonte:**Elaborado pelas autoras.

A partir da tabela acima, produzida para ser esboço de um futuro catálogo de apresentação do Memorial, é possível notar a riqueza do acervo, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo. Além disso, demonstra a diversidade de materiais encontrados. Essa tabela foi deixada no Memorial, com o intuito de que a busca pelos itens seja facilitada. Por esse motivo, estão informados os números das caixas, a descrição e a quantidade dos documentos arquivados em cada caixa.

Dentre as tantas reflexões que podemos fazer, a partir do contato com esse acervo, ficou a compreensão de que pessoas como Mãe Madalena, preocupadas com a memória – que para Nora (1993, p. 17) faz com que o “dever de memória faz de cada um historiador de si mesmo” – realizam um trabalho expográfico, na linguagem museológica. Sem esse princípio, Mãe Madalena guardava tudo e o Memorial era o destino: periódicos de 2008 a 2010, contendo matérias sobre futebol, economia, política e cultura e anúncios publicitários, que não têm ligação direta com o tema abordado pelo Memorial; além de documentos pessoais, inclusive alguns

que poderiam expor sua privacidade, fazem parte do acervo. Para Márcia Lopes, formada em Museologia pela UFRB, essa forma de guarda dos documentos se efetivou porque a etapa de catalogação dos objetos do Memorial, prevista já na concepção do projeto, não foi concluído a tempo para a inauguração.

Como nossa atitude foi de total respeito à concepção de história que organizou o Memorial, não caberia a nós definir o que deveria ou não compor o acervo. Então, foi necessário estarmos acompanhadas por Makota Mama para a realização de uma atividade de seleção de documentos, apontando que alguns deles – como fotografias, documentários, livros, jornais, revistas e DVDs – não condizem com a proposta do Memorial.

As parcerias realizadas durante o processo de construção e desenvolvimento da intervenção no Memorial foram de extrema importância para efetivação do trabalho. Entre os parceiros estão Angélica R. de Oliveira, Antônia F. dos Anjos dos Santos, Gabriel C. Santos, Naiane C. de J. S. Lima, Ogã Carlinhos, Ana Flávia Ribeiro, Ioná Travares, Benjamim Travares, Luiz Antônio Conceição, Milena Traves, Victoria Barreto, Elany Goes e Makota Mama.

Para realização do trabalho, foi necessária uma equipe com formações diferenciadas, tanto acadêmica como não acadêmica. Entre elas estão a Museologia, Arqueologia, Serviço Social, Arte visuais, Ogã e capoeira e, além disso, contamos com ajuda de três pequeninos – Ioná Travares, Benjamim Tavares e Milena Tavares, filhos de Makota Mama, com idades entre 6 e 12 anos (estudantes do Ensino Fundamental) – que, na tentativa de conhecer o trabalho que estava sendo desenvolvido, propuseram-se a ajudar, contribuindo para a execução do mesmo e deixando frutos para continuar o processo de preservação e conservação do Memorial, já que eles acompanharam todas as etapas do trabalho.

Organizamos em caixas a documentação com o intuito de facilitar o encontro de documentos, além desamassar e diminuir o volume deles, facilitando a ventilação e prevenindo o mofo. Entre os documentos, existiam alguns raros, únicos e com estado de conservação prejudicado. Por esse motivo, os preservamos em pastas-catálogo, entrefolhando com papel ofício, para diminuir acidez da folha. Além disso, foram higienizados com o uso de uma trincha, para a retirada da poeira e a diminuição das ações dos fungos, que já estavam ali, danificando os documentos.

A seguir, foi iniciado o trabalho com as fotos. Primeiramente, separamos as danificadas das não danificadas, o que foi essencial para diminuir a quantidade de fotos nos arquivos e desacelerar o processo de deterioração. Depois foi feita uma higienização das fotos, com o uso de algodão, e iniciado o processo de condicionamento – realizado com folha de papel ofício, construindo um envelope para evitar que o papel fotográfico grudasse e manchasse as imagens. Por ser um procedimento delicado e para não manchar as fotos, esse processo foi realizado em todas as fotografias encontradas. Algumas estavam guardadas em álbuns, e por isso estavam preservadas, porém foi necessário tirar todas, contar e limpar uma por uma, além de fazer a limpeza do álbum com o algodão.

Sobre os vídeos, só foi possível fazer a organização, já que a higienização exige o uso de substâncias e dosagens específicas, desconhecidas pelos membros da equipe. Assim, optamos por não o fazer, a fim de evitar causar danos permanentes ao material. Já a higienização dos livros e revistas foi feita folha por folha, com o uso de trincha para a retirada da poeira. Além de proteger os livros com forro de PVC, para evitar o contato e a umidade.

## **Considerações Finais**

Realizar uma pesquisa sobre memória em um terreiro de candomblé foge do modelo de pesquisa que só pensa o candomblé do ponto de vista religioso, sendo que ele significa amplamente cultura, resistência e patrimônio. Assim, demos nossa contribuição para que as outras pesquisas sejam realizadas, enfatizando este e outros aspectos, que podem colaborar no ensino de História em convivência com a educação patrimonial e a educação para relações étnico-raciais, cooperando ainda para o fortalecimento da Lei nº 10.639/2003.

O trabalho realizado favoreceu a apresentação de um acervo riquíssimo localizado no Memorial dos Ancestrais do Terreiro Guarani de Oxóssi, revelando a possibilidade de novos

trabalhos acadêmicos sobre diversas temáticas que surgirem durante a pesquisa. A partir da realização dessa intervenção, houve o questionamento sobre a lógica do retorno dado às comunidades quando realizamos nossas pesquisas. Foi essa a questão que nos levou a optar pela intervenção.

Durante todo o processo da pesquisa percebemos o quanto a intolerância religiosa ainda está fortemente presente na sociedade brasileira. Mencionamos isso porque vimos olhares de crítica e reprovação quando apresentávamos nosso tema de pesquisa e notamos o quanto a academia ainda está afastada do candomblé e da cultura negra em geral. Apesar de Cachoeira ser repleta de terreiros, que fazem parte da história da cidade, muitos graduandos do CAHL nunca lhes fizeram uma visita, nem leram qualquer texto relacionado à temática. Foi durante o desenvolvimento do Programa de Extensão Ensino de História e Educação Patrimonial que graduandas/os participantes tiveram contato, alguns pela primeira vez, com esse aspecto da cultura cachoeirana, por muitas vezes marginalizado.

No desenvolvimento da pesquisa, foi possível compreender que o terreiro de candomblé significa a construção de uma linhagem negra lutando por igualdade racial e social. Através deste estudo, conhecemos um pouco mais da nossa história, cultura, ancestralidade e de nós mesmas/os, além da própria história de Mãe Madalena. A Mametu foi um exemplo de mulher negra, demonstrando com sua história de luta o valor da construção de organizações políticas próprias e do estabelecimento de redes de solidariedade no combate à discriminação e ao racismo.

Realizar a pesquisa no Memorial dos Ancestrais foi uma descoberta de metodologias, fontes e da própria temática. Aprendemos muito, não só em relação ao Memorial, mas também com a convivência com os membros do Terreiro, onde descobrimos que não sabíamos quase nada sobre memorial, forçando-nos sempre a buscar teóricos que dessem conta dessa complexidade. Durante a pesquisa, aprendemos mais do que ensinamos e esperamos que, sinceramente, este trabalho possa representar as pessoas que nos acolheram durante o processo da pesquisa.

## Referências

ABREU, Regina. **A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio.** In: \_\_\_\_\_; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: Ensaio contemporâneos.* Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.p. 34-79.

BARCELLOS, Jorge. O Memorial como instituição no sistema de museus: conceitos e práticas na busca de um conteúdo. In: I Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999.

BRAGA, Júlio. **Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia.** Salvador: EDUFBA, 1995.

BOTELHO, Isaura. **Romance de Formação: FUNARTE e Política Cultural,1976-1990.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.

COSTA, Aline Aparecida Cezar; BAIOTTO, Cléia Rosani; GARCES, Solange Beatriz Billing. Aprendizagem: o olhar da extensão. In: SÍVERES, Luiz (Org.). **A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem.** Brasília: Liber Livro, 2013. p. 61-80.

DAMIANI, Magda Floriana *et al.* **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica.** *Cadernos de Educação*, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, n. 45, p. 57-67, mai./ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822/3074>. Acesso em: 22 out. 2017.

DANTAS, Rafael. **O que é que a baiana tem?** Memorial das Baianas do Acarajé de Salvador/BA e a “Batalha” das Memórias. *Anais: XVI Encontro Regional de História da ANPUH*, Rio de Janeiro, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. **Espaço Aberto Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica.** *Espaço Aberto*, n. 29, p. 164-177, mai./jun./jul./ago. 2005.

GOMES, Ângela de Castro. **A guardiã da memória.** *Acervo*, Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

JESUS, Danilo Nascimento de; SANTOS JÚNIOR, Roberto Fernandes dos. **Memorial Mãe Menininha de Gantois: seleta do acervo com Guardiã de Memória.** *Anais: XVI Encontro Regional de História da ANPUH*, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, Alessandra Rodrigues. **Patrimônio Cultural Afro-brasileiro: Narrativas produzidas pelo IPHAN a partir da ação patrimonial.** 2012. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – IPHAN, Rio de Janeiro, 2012.

MOLINA, Thiago dos Santos. **Relevância cultural na escolarização das crianças negras.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil.** São Paulo: Summus, 2003.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos Lugares.** São Paulo: Projeto História: 1993.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Epistemologia da Ancestralidade.** *Entre Lugares*, Revista de sócio poética e abordagens afins, v.1, p. 1-10, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Ensino de História e Educação Patrimonial: uma experiência em Cachoeira e São Félix/Bahia.** *Revista Extensão*, Cruz das Almas, UFRB, v.10, n.1, 10 ed., p. 139-152, jun. 2016.

QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Religiões afro-brasileiras no Recife: intelectuais, policiais e repressão.** 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

SANT'ANNA, Márcia. **A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização.** In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio. Ensaios contemporâneos.* 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés: Perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia.** Salvador: EDUFBA, 2009.

SERRA. Ordep. **Monumentos Negros: uma experiência.** *Afro-Ásia*, n. 33, p. 169-205, 2005.

SILVA, Adailton *et al.* **Entre o racismo e a desigualdade: da constituição à promoção de uma política de igualdade racial (1988-2008).** In: JACCOUD, Luciana (Org.). *A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos.* Brasília: IPEA, 2009. p. 19-92.

VIEIRA, Ana Maria da Costa Leitão. Os Memoriais são um novo gênero de museu? **Revista Museu**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 5, mai. 2013. Disponível em <http://www.memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Memorial.pdf>. Acesso em: 22 out. 2017.

ZAMBUZZI, Mabel. ***O espaço material e imaterial do candomblé na Bahia***: O que e como proteger? Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

Recebido em: 27 de maio de 2021.

Aceito em: 13 de dezembro de 2021.